

Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Julia Duca
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Sandra Murakami Medrano
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

ART⁴IVROS

Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Julia Duca

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Sandra Murakami Medrano

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

O menino que vendia palavras

AUTOR

Ignácio de Loyola Brandão

ILUSTRADORA

Mariana Newlands

CATEGORIA 1

Obras Literárias do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

TEMA

Família, amigos e escola

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela

ART⁴IVROS

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Duca, Julia

Material digital de apoio à prática do professor : O menino que vendia palavras / Julia Duca ; coordenação de Sandra Murakami Medrano, CEDAC. — 1^a ed. — Sorocaba : ArtLivros, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-996703-5-0

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Material de apoio ao professor I. Título II. Medrano, Sandra Murakami III. CEDAC IV. Brandão, Ignácio de Loyola. O menino que vendia palavras

21-5558

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
ARTLIVROS DISTRIBUIÇÃO EDITORIAL LTDA.

Rua Gustavo Teixeira, 274

18040-323 — Sorocaba — SP

Telefone: (15) 3327-9232

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	6
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	8
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	10
Pré-leitura	11
Leitura	14
Pós-leitura	20
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	23
Ampliação da comunidade de leitores	23
Bibliografia comentada	25

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, consequentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *O menino que vendia palavras*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, o autor e a ilustradora.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e explorar a literacia familiar para que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Você tem em mãos um livro leve, divertido e que tem o poder de aguçar o desbravamento da linguagem nos pequenos leitores. *O menino que vendia palavras* é uma obra metalingüística, isto é, que usa a linguagem para falar sobre a linguagem e o poder da palavra, da leitura e do conhecimento.

O protagonista deste livro é um menino que tem muito orgulho de seu pai, um homem culto, inteligente e que conhece as palavras como ninguém. Se os amigos do menino querem saber o significado de alguma palavra, é ao pai dele que sem-

pre recorrem. Quer saber o que é epitélio? Alforje? Lunático? Ele sempre tem uma resposta. A curiosidade dos amigos é tão grande que o menino logo percebe: e se começasse a negociar o significado das palavras? E assim vai trocando pela fotografia de um navio de guerra, um picolé, um chiclete. Então começa seu “negocinho”, escondido do pai, é claro. O menino, sempre com um humor leve e envolvente, descobre como é importante conhecer as palavras, pois assim ele vai saber conversar, orientar as pessoas, explicar suas ideias e sentimentos, desempenhar melhor suas tarefas, progredir na vida, entender todas as histórias que lê e até mesmo convencer uma menina a namorá-lo! E, assim, vai aprendendo essas e outras lições valiosas e percebendo com seu pai o quanto a leitura é necessária, pois, quanto mais palavras você conhece e usa, mais fácil e interessante fica a sua vida.

Essa narrativa é apresentada como um **conto**. A trama é desenvolvida com a presença de poucos personagens: o pai, o menino e alguns colegas de sua turma, em um espaço bem definido e em um período reduzido ao essencial. Além disso, há um conflito centrado no comércio de palavras inventado pelo menino e na dificuldade que lhe é apresentada quando o “chefe” da turma o desafia com uma palavra que seu pai não conhece.

O livro abre espaço para temáticas importantes a serem abordadas com os estudantes no que diz respeito ao tema **Família, amigos e escola**, por favorecer a construção de percepções sobre as atitudes tomadas pelo menino, por seu pai e seus colegas. Ao trabalhar com a leitura desta obra, é fundamental refletir sobre a importância das palavras, mas também sobre como o menino age ao descobrir que o pai não sabe o significado de uma palavra — e, principalmente, como o adulto responde com naturalidade o fato de não saber, deixando claro que ninguém sabe tudo. A importância está muito mais no processo de pesquisa, nas leituras, vivências e na possibilidade de aprender com o outro do que em ser detentor de todo o conhecimento.

UM POUCO SOBRE QUEM ESCREVEU E QUEM ILUSTROU ESTA OBRA

Ignácio de Loyola Brandão é um escritor e jornalista paulista nascido em 1936. Tem mais de quarenta publicações, traduzidas para diversos idiomas, e pelo conjunto de sua obra recebeu da Academia Brasileira de Letras (ABL) o Prêmio Machado de Assis. Em 2021, foi homenageado pelo prêmio Jabuti como personalidade literária. Como escritor, prefere dedicar-se à escrita de livros de ficção, mas em 1985 produziu *Manifesto verde*, um importante texto sobre questões ambientais redigido em forma de cartas a seus filhos (8. ed. São Paulo: Global Editora, 2014). Sua grande produção é voltada para o público adulto, mas também se aventura na escrita de livros infantis. Além disso, escreveu três peças de teatro.

Para saber mais

Mais informações sobre a vida pessoal do autor e sua carreira como escritor e jornalista, além de comentários sobre obras específicas:

<https://bit.ly/IgnacioLB> (acesso em: 6 dez. 2021).

As ilustrações, a capa e o projeto gráfico são de **Mariana Newlands**, uma carioca que estudou desenho industrial na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), além de design gráfico e computação gráfica na Parsons School of Design, em Nova York. É também mestre em literatura pela PUC, com uma pesquisa sobre bibliomania. Atualmente, trabalha com projeto gráfico de livros para adultos e ilustra títulos para crianças, além de desenvolver pesquisas com gravuras, ilustrações e experimentações fotográficas utilizando câmeras analógicas antigas.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sabemos da importância de garantir na rotina do Ensino Fundamental momentos para a **formação do leitor**. Ao apontar algumas variáveis importantes a serem levadas em conta ao pensar o currículo escolar, Delia Lerner discorre sobre a possibilidade de ler na escola:

[...] Se se consegue produzir mudança qualitativa na gestão do tempo didático, se se concilia a necessidade de avaliar com as prioridades do ensino e da aprendizagem, se se redistribuem as responsabilidades de professores e alunos em relação à leitura para tornar possível a formação de leitores autônomos, se se desenvolvem na aula e na instituição projetos que deem sentido à leitura, que promovam o funcionamento da escola como uma microssociedade de leitores e escritores, da qual participem crianças, pais e mestres, então sim, é possível ler na escola. (LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 164.)

São muitas as práticas que favorecem essa formação e está na mão do professor escolher a mais adequada ao momento, à turma e, principalmente, ao livro escolhido. Essa escolha é objeto de muita reflexão e leva em conta diversos fatores, sobre-

tudo pensar nas discussões que poderão ser realizadas a partir da obra escolhida, ou seja, quais são as **chaves de leitura** possíveis e de que maneira elas contribuem para a formação de um leitor crítico e competente. Cecilia Bajour traz informações importantes sobre esse modo de adentrar o livro:

A preparação do encontro de leitura implica, em princípio, imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta. Por isso, não existe uma fórmula única para penetrar nos textos. [...]

Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para a construção de saberes literários. (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, pp. 63-4.)

O menino que vendia palavras é uma obra que cobre esse requisito, podendo ser analisada a partir de diferentes vieses que serão apresentados a seguir.

As possibilidades sugeridas e outras mais que poderão surgir de acordo com o interesse da turma permitem colaborar com a formação de um leitor que assuma seu papel ativo e questionador diante do que lê, além de contribuir com o desenvolvimento de uma das competências de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, no que diz respeito à **formação do leitor literário**:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018, p. 87.)

Conceber a literatura como arte e potencializar sua ação humanizadora são premissas importantes e que serão contempladas por meio das atividades que seguem. Além delas, a Política Nacional de Alfabetização (PNA) sugere práticas igualmente relevantes, como assegurar momentos de **interação verbal** nos quais se possa conversar sobre o lido e favorecer o contato com a língua, com base na ampliação de vocabulário e na construção coletiva da compreensão do que se lê. Com esta obra, as crianças vão perceber o empoderamento que a linguagem oferece ao ser humano.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

O planejamento do trabalho a ser feito com base nas leituras em sala de aula pode ser de naturezas diversas: com atividades individuais ou coletivas, discussões em pequenos grupos ou com a turma toda, entre muitas outras opções. Parte importante e fundamental desse trabalho é que haja momentos de **interação verbal** em que se possa conversar sobre o lido e em que as crianças atuem como protagonistas dessas discussões, de modo que se beneficiem da competência do outro em compreender a narrativa, em estabelecer conexões com histórias conhecidas e em serem estimuladas a entrarem em contato com novas obras e autores. A partir disso, o professor poderá atuar como mediador, propondo perguntas, dando ênfase às falas dos estudantes que instiguem a conversa ou chamando a atenção para algum trecho ou ilustração que tenha passado despercebido.

Para que isso aconteça, é importante realizar uma leitura prévia da obra, a fim de antecipar recursos literários e questões que permearão o diálogo. Entretanto, não é possível prever tudo; afinal, as crianças têm modos de pensar distintos. Durante a **leitura dialogada**, pode ser que, ao expor suas observações, elas revelem ao professor outras chaves de leitura a princípio não planejadas para o trabalho com o livro — aproveitar e agregar o sentido da leitura do outro é também um comportamento leitor interessante a ser considerado nesse processo. Pois conceber a literatura como objeto artístico é acreditar em múltiplas interpretações, desde que bem justificadas.

O planejamento dessas propostas visa à formação de um leitor competente, capaz de construir sentidos para o que lê — um aprendizado que acontece, principalmente, de maneira coletiva. A pesquisadora catalã Teresa Colomer acredita na potencialidade da criação de uma comunidade de leitores e defende que:

[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la. (*Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007, p. 147.)

Assim, espera-se que os estudantes possam desenvolver as seguintes habilidades, por meio do trabalho desenvolvido com a leitura deste livro:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

Vale destacar que essa formação não acontece de uma hora para a outra, tampouco com a leitura de um único livro; para isso, o espaço dedicado à leitura deve acontecer de maneira sistemática com práticas de leitura literária que ampliem o repertório dos estudantes e garantam acesso ao livro, esse objeto cultural que talvez só seja acessado por muitos estudantes quando estão na escola.

PRÉ-LEITURA

Neste momento, será importante aproximar as crianças de livros em que o projeto gráfico faz diferença na narrativa. Talvez não seja comum que elas observem esse aspecto com a devida atenção, embora certamente percebam os recursos diversos explorados nos livros. Para que ampliem esse olhar e observem o projeto gráfico agora também como responsável por narrar a história, será imprescindível que, em *O menino que vendia palavras*, as crianças dediquem certo tempo para essa análise. Por isso, aproximá-los antes de livros com projeto gráfico diferente pode ser uma ótima estratégia.

Sobre a importância do projeto ou design gráfico nos livros

"No contexto da criação de livros para a infância, uma importante transformação é o entendimento de que o design não se resume em um suporte para o texto e a imagem, ele possui voz narrativa (e potente) ao interagir com ambos. O design também conta história." (Raquel Matsushita, designer, autora e ilustradora de livros infantis.)

"São inúmeros os elementos que precisam ser considerados na produção de um livro, a começar pelo tipo e pelo tamanho da letra ou dos recursos gráficos que dialogam com a narrativa. Por exemplo, um layout muito arejado pode ser uma boa opção para indicar um tema delicado; textos com frases destacadas podem sinalizar partes críticas da narrativa; aberturas de capítulo em página dupla podem trazer uma grande ilustração, o que marca a lateral do livro indicando tais aberturas; um livro com cantos arredondados pode dar um ar de relato de memórias, como um moleskine..." (Helen Nakao, que trabalha na produção de livros infantis.)

Trechos reproduzidos de: <https://bit.ly/DesignGraficoLivro>. Acesso em: 9 dez. 2021.

Para dar conta dessa primeira aproximação da turma com livros em que o projeto gráfico é bastante valorizado, sugerimos uma **roda de empréstimos**. Indicamos a seguir algumas obras para esse momento. Foram selecionados livros em que o projeto gráfico tem papel importante na narrativa, e isso pode acontecer de diversas maneiras: a partir do formato do livro; de diferentes fontes, cores e espaços; da relação entre o texto escrito e as ilustrações. Todos esses elementos são escolhidos e produzidos com intencionalidade, sendo juntos responsáveis pela narrativa.

- *Bárbaro*, escrito e ilustrado por Renato Moriconi. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.
- *Cadê o livro que estava aqui*, escrito por Telma Guimarães e ilustrado por Jana Glatt. São Paulo: FTD Educação, 2019.
- *Carmen: a grande Pequena Notável*, escrito por Heloisa Seixas e Julia Romeu, ilustrado por Graça Lima e projeto gráfico de Raquel Matsushita. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

- *Na casa deles*, escrito por Edith Chacon e projeto gráfico de Priscilla Ballarin. São Paulo: publicação independente, 2020.
- *Se eu abrir esta porta agora*, escrito e ilustrado por Alexandre Rampazzo. São Paulo: Editora SESI-SP, 2018.
- *Vovó veio do Japão*, escrito e ilustrado por Janaina Tokitaka, Mika Takahashi, Raquel Matsushita e Talita Nozomi. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

Para a roda de empréstimos, indicamos reservar um tempo para as crianças se familiarizarem com o acervo proposto. Em um primeiro momento, sugerimos que você explique que todas as obras expostas têm uma característica em comum: o projeto gráfico. Talvez elas não saibam o que isso significa e será importante explicar. Após essa etapa, será necessário reservar um tempo para que elas analisem a capa, o título, folheiem os livros, leiam a quarta capa — todos esses elementos são práticas leitoras essenciais, que as ajudarão na seleção da leitura a ser realizada. Por fim, com os livros já selecionados, pode-se fazer a leitura.

A leitura das obras poderá ser realizada tanto em classe como em casa. Teresa Colomer defende a importância de reservar momentos na rotina da sala de aula para a leitura individual:

A criação de um espaço de leitura individual na escola pretende dar a oportunidade de ler a todos os alunos; aos que têm livros em casa e aos que não os têm; aos que dedicam tempo de lazer à leitura e aos que só leriam os minutos dedicados a realizar as tarefas escolares na aula. A leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre escolha é imprescindível para o desenvolvimento das competências leitoras. [...] É imprescindível para que os alunos formem sua autoimagem como leitores aprendendo a avaliar antecipadamente os livros, criando expectativas, arriscando-se a selecionar, acostumando-se a abandonar um livro que decepciona e a levar emprestado aquele que lhe parece atraente. Se a escola não assegura um tempo mínimo de prática para todas essas funções, quem o fará? (COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007, p. 125.)

Após a leitura das obras indicadas, poderão surgir os mais diferentes temas durante as discussões; é importante que nesse caso o enfoque seja a composição entre texto escrito, ilustração e projeto gráfico e ao modo como os três contribuem com a narrativa. Algumas perguntas possíveis são:

- **Qual** é a importância do projeto gráfico para as obras que vocês leram? O formato do livro, o tipo e o tamanho da letra, as cores, os espaços em que o texto escrito e as ilustrações aparecem, elementos como esses influenciam na leitura?
- **Como** o projeto gráfico e as ilustrações se relacionam com o texto escrito?

Ao apresentar o livro *O menino que vendia palavras*, retome a importância do projeto gráfico para a composição da narrativa a partir das discussões feitas durante a roda e chame atenção para as diferentes escolhas que podem ser feitas no planejamento do design, ou seja, as escolhas estéticas de um livro. Na leitura desta obra de Ignácio de Loyola Brandão e Mariana Newlands, o projeto explora principalmente as cores e fontes — mas, como vimos, não é apenas isso que configura o projeto gráfico de uma obra.

LEITURA

Para a leitura de *O menino que vendia palavras* é indicada a prática da **leitura compartilhada**, que consiste na leitura em voz alta pelo professor ao mesmo tempo que cada criança acompanha com seu exemplar em mãos. Dessa forma, as crianças podem, ao longo da leitura e da discussão, analisar e observar trechos do texto escrito e também as ilustrações e o projeto gráfico comentados pelos colegas ou pelo professor. Essa prática valoriza a **construção coletiva de sentido** e a **autonomia leitora** dos estudantes. Segundo Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leito-

res com referências e cumplicidades mútuas. (*Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007, p. 143.)

Antes de iniciar a leitura desta obra, você pode propor uma reflexão a partir dos elementos que aparecem na capa: o título, as ilustrações, o nome do autor e da ilustradora. A partir da análise do título e das ilustrações, as crianças poderão fazer antecipações e inferências sobre a obra. O título de *O menino que vendia palavras* indica os dois grandes protagonistas da história: o menino e as palavras, e será importante chamar atenção para o fato de “PALAVRAS” estar escrita de uma forma diferente, com as letras “desalinhadas”. Essas escolhas acerca do projeto gráfico aparecerão com frequência durante o livro e também serão objeto de análise.

Esse também pode ser um momento oportuno para apresentar Ignácio de Loyola Brandão e Mariana Newlands, com base nas informações sobre eles que constam neste material e no paratexto, no fim do livro do estudante (“Conversando sobre a obra”).

Não deixe de chamar atenção para a quarta capa, que fornece mais informações sobre a obra. A leitura do texto na contracapa também se configura como uma boa estratégia de seleção, quando estamos decidindo o que ler — comportamento leitor que pode ser incentivado sempre que possível.

Terminado esse primeiro momento de contato com a obra, pode-se iniciar a leitura da narrativa. Não há somente um caminho para esse trabalho: é possível realizar a leitura em voz alta de maneira integral e, no fim, a partir de comentários das crianças e de trechos previamente selecionados, puxar uma conversa; ou promover uma **leitura dialogada**, selecionando alguns momentos de parada durante a narrativa para reflexão, análise e conversa. Caso opte pelo segundo caminho, reserve um espaço no fim da leitura para que a turma possa compartilhar impressões, preferências ou até mesmo descontentamentos com a obra. Dessa maneira, abordaremos a seguir algumas chaves de leitura que consideramos importantes para o trabalho com este livro em sala de aula.

Alguns trechos de *O menino que vendia palavras* abordam questões relevantes a serem discutidas com as crianças. Nessa conversa, deixe que as crianças falem sobre **quais** aspectos lhes chamaram atenção e se concordam ou não com o ponto de vista apresentado pelos personagens. O diálogo entre o pai e o menino (p. 10) é um dos trechos mais significativos da obra e permite reflexões importantes sobre a influência da leitura na ampliação do vocabulário e, mais ainda, sobre o empoderamento que a linguagem oferece ao ser humano — não só através do conhecimento, mas também para ações relacionadas à vida pessoal e ao trabalho.

- Como o senhor conhece tantas palavras?
- Você não me vê sempre lendo? Assim vou aprendendo palavras.
- É bom isso?
- Quanto mais palavras você conhece e usa, mais fácil fica a vida.
- Por quê?
- Vai saber conversar, explicar as coisas, orientar os outros, conquistar as pessoas, fazer melhor o trabalho, arranjar um aumento com o chefe, progredir na vida, entender todas as histórias que lê, convencer uma menina a te namorar. (p. 10)

Algumas perguntas podem fomentar o debate sobre esse trecho:

- Você concorda com o pai do menino sobre a importância de aprender palavras novas?
- Para você, **qual** é o motivo mais importante para aprendermos palavras novas?
- **De que modo** podemos aprender palavras novas?

O livro é narrado em primeira pessoa, do ponto de vista do menino, que é uma criança. Em certo momento, conhecemos a partir desse olhar como se dá a relação entre alguns familiares e filhos.

Nenhum dos meninos tinha um pai assim, alguns nem pai tinham, não sei como se arranjavam. Não tinham ninguém para ficar gritando: não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, não pode xingar, não pode desobedecer, precisa estudar, coma tudo o que colocou no prato, não fique mexendo com as meninas. **O mundo da criança é puro não-não-não, parece que é a única palavra que gente grande sabe**, não conhece outra. Alguns colegas tentavam, iam aos pais com palavras e perguntavam, os pais não sabiam responder, ou não queriam e ainda ficavam bravos: “Isso não é pergunta que moleque faça!”. Teve pai que bateu no filho. **Batiam por qualquer motivo, filhos eram feitos para apanhar, levar castigo.** (pp. 16-17, grifo nosso)

Será importante lembrar que esse trecho é narrado do ponto de vista do menino; portanto, é um olhar infantil sobre as atitudes do adulto. Uma reflexão possível surge a partir da diferença de reação do pai do menino e de alguns outros familiares das personagens ante questionamentos sobre os significados das palavras. Enquanto o primeiro responde com naturalidade, pois valoriza a leitura e o conhecimento, alguns outros, por não saberem responder, tornam-se agressivos.

- **Qual** é a diferença entre o pai do menino e os pais e outros familiares de seus colegas? **Como** eles reagiam diante dos questionamentos sobre o significado das palavras? **Por que** você acha que essa diferença acontece?
- Você costuma ouvir muitos “nãos”? **Como** lida com essas situações? Acha importante ouvir “não” em alguns momentos? Em **quais** deles?
- Nesse trecho, o menino menciona famílias em que a presença do pai é inexistente. **O que** você pensa sobre as diferentes configurações de família? **Quais** outras diferenças podem existir entre as famílias? Você conhece famílias assim?

A diferença fica ainda mais evidente no final da história, quando o pai do menino responde com naturalidade que não sabe o significado de uma palavra. E, ao deixar claro que ninguém sabe tudo, o pai mostra ao filho que esta é a realidade: aprendemos com as situações que vivenciamos, e muitas vezes é nelas que enxergamos quem está verdadeiramente ao nosso lado, aceitando quem somos e o que sabemos ou não.

Nesse momento da narrativa, será importante também dedicar um tempo de discussão ao projeto gráfico do livro. A resposta do pai deixa o menino desconfiado, surpreso, em dúvida, podemos dizer que até um tanto decepcionado. Essa sensação aparece na ilustração (p. 49), na qual o menino está solitário em uma página vazia, com uma expressão cabisbaixa, as mãos soltas para baixo, e aparece igualmente no texto escrito, que foi destacado pela cor vermelha em fundo preto (p. 48). Aliás, é o único momento da narrativa em que foi usado o fundo preto na página.

— Não sei o que é isso.



48

49

A discussão sobre o projeto gráfico do livro é uma das chaves de leitura mais importantes para esta obra. As decisões tomadas por Mariana Newlands oferecem oportunidade de conversar sobre as cores, o tamanho das letras, a disposição do texto nas páginas, a relação do texto com as ilustrações... Observamos que ela escolheu apenas três cores para usar na obra inteira: preto, branco e vermelho. Junto com as cores, a seleção de diferentes tipos, tamanhos e cores de fontes, além de ilustrações que “brincam” o tempo todo com esse projeto gráfico, corroboram a importância dele para a construção de sentidos da narrativa. Em um primeiro momento, sugerimos deixar que os estudantes falem livremente sobre o assunto. Você pode iniciar a discussão retomando o que é projeto gráfico, quais decisões envolvem esse trabalho e perguntando **o que** puderam observar sobre ele. Alguns trechos importantes para essa análise são:

- **A mudança do tamanho da letra:** esse recurso é usado em alguns momentos da história; por exemplo, quando o menino fala: “Meu pai é o homem mais inteligente do bairro” (p. 16). Ao extrapolar o tamanho das letras e aplicar o vermelho, a designer gráfica evidencia o orgulho do menino diante da inteligência do pai. O mesmo acontece quando o menino grita “Tetragonóptero” (p. 56), na tentativa raivosa de apresentar uma palavra ainda mais difícil do que a que foi dita por Toninho.

Eu dizia para todo mundo:

"Meu pai é o homem mais inteligente do bairro".

Nenhum dos meninos tinha um pai assim, alguns nem pai tinham, não sei como se arranjavam. Não tinham ninguém para ficar gritando: não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, não pode xingar, não pode desobedecer, precisa estudar, coma tudo o que colocou no prato, não fique mexendo com as meninas. O mundo da criança é puro não-não-não, parece que é a

16

— Qual é?

Tetragonóptero.

Eles se entreolharam, deram uma gargalhada. Então, gostaram, se divertiram.

— Sabem o que é?

— Não sabemos, não queremos saber, temos raiva de quem sabe!

Depois se enfiam pelo mato e sumiram. Voltei para casa, tentei ler, não conseguia. Meu pai entrou, tomou banho, ia abrir o livro, cheguei.

— Pena, pa! Pena! Acabou-se tudo.

56

- **A mudança de cor:** diversas vezes ao longo do livro aparecem algumas palavras destacadas em cor diferente, principalmente quando são consideradas difíceis. Dependendo da cor do fundo e do texto do entorno, elas variam entre as três cores presentes na obra (preto, branco e vermelho). Essa é uma forma de destacar as palavras, que são as verdadeiras protagonistas dessa história. Quando o menino precisa dizer à turma que não sabe o significado de “zaltrosa” (p. 53), é como se o destaque acontecesse pelo medo e pela frustração em ter que dar essa resposta.
- **Composição entre o projeto gráfico e as ilustrações:** na página 34, vemos o menino fazer o movimento de pegar a letra *p* de “enciclopédia”; já na página 36, é como se todas aquelas palavras estivessem dentro da cabeça do menino, que parece estar pensando nelas.

— Está vendendo ali?
— Os grandões, azuis, com desenhos dourados?
— Esses mesmos.
— É uma **enciclopédia**.



34

disparate
epídio assaz
epitônio nacelé
equinócio bilíngue
galhardete biloto
joia cóccix
magnólia saltre
quadrante



36

Outras discussões possíveis poderão se dar a partir do fato de o menino iniciar um comércio de palavras. Pergunte às crianças **se** isso alguma vez já lhes havia passado pela cabeça, **o que** acharam da forma que o menino encontrou de compartilhar o conhecimento do pai, **se** teriam agido da mesma forma ou não, **se** conhecem alguma palavra tão complicada a ponto de valer a pena comprá-la.

Por fim, o desfecho do livro também traz importantes reflexões. O menino se sente completamente frustrado porque o pai não sabe o significado de “zaltrosa”. O pai diz que não sabe, procura no dicionário e, finalmente, pede ao filho que avise aos colegas que ele não sabe. Quando o garoto conta aos amigos, volta para casa todo tristonho e compartilha com o pai que está decepcionado: “Você não sabe tudo, me envergonhou” (p. 57). É quando seu pai lhe ensina uma lição importante sobre a vida:

- Os pais têm de saber tudo.
 - Os pais sabem o que é possível. **Ninguém no mundo sabe tudo.** (p. 57, grifo nosso)

 - Inventaram, para te pegar. Foi um jogo sujo. Cai fora dessa, **na vida não se joga com trapaça.** Não mesmo!
- Nunca mais esqueci isso. **Não se joga com jogos sujos.** Meu pai sabia das coisas. **Sabia bem como se joga na vida.** (pp. 59-60, grifos nossos)

Alguns questionamentos para serem feitos neste momento são:

- **Qual** foi a reação do pai quando o menino disse que os pais são obrigados a saber tudo? **Por que** será que o menino pensa dessa forma?
- Você concorda com a afirmação do pai de que ninguém sabe tudo?
- **O que** significa a expressão “foi um jogo sujo”? **O que** os colegas da turma fizeram com o menino para o pai nomear dessa forma?
- **O que** o menino quer dizer com “Sabia bem como se joga na vida”?

PÓS-LEITURA

Após terminar a leitura do livro, sugerimos duas propostas: a escrita coletiva de uma lista de palavras e seus significados ou um jogo com palavras difíceis.

LISTA DE PALAVRAS E SEUS SIGNIFICADOS

Após ler o livro, em uma roda de conversa, você pode propor que cada criança escolha uma palavra que apareceu na história e que tenha causado curiosidade: alguma palavra chamou a atenção? Você ficou curioso em saber o significado de alguma delas? Organizem então uma lista coletiva com a escolha de cada uma. A escrita pode ser feita pelo professor, mas também pode contar com o apoio das crianças, selecionadas por meio de um sorteio.

Após esse momento, promova uma reflexão: **como** descobrir a definição de uma palavra? **Quais** são as possibilidades que existem? Algumas formas, que talvez a turma mencione, são: busca no dicionário de papel ou no dicionário digital, consulta a algum professor, familiar ou colega. A pesquisa poderá ser realizada em classe ou sugerida como tarefa a ser feita em casa, com ajuda dos familiares.

O registro da definição constitui um momento importante, pois a criança será responsável por compartilhar com o grupo todo suas descobertas.

No fim da atividade, seria interessante expor a lista no mural da classe, para que ela seja consultada sempre que o grupo considerar necessário.

JOGO DE DEFINIÇÃO DE PALAVRAS

Para continuar trabalhando com o significado de palavras desconhecidas, você pode propor um jogo.

- Divida os estudantes em grupos de no mínimo quatro participantes.
- Cada grupo terá um “leitor de significados”, que será responsável por escolher a palavra da rodada, além de fazer a leitura das definições.
- O jogo começa com o “leitor de significados” escolhendo uma palavra no dicionário e informando a seu grupo qual foi a palavra selecionada.
- Todos inventam um significado para essa palavra. Em uma folha, escrevem o que criaram. Aqui, a intenção não é necessariamente adivinhar a definição da palavra escolhida, mas escrever um significado que convença os colegas de que essa é a definição correta. Ao terminar, entregam o papel ao “leitor de significados”.
- O “leitor de significados” será responsável também por escrever a definição correta em uma folha de papel, copiando-a do dicionário. Depois de receber todas as definições escritas, embaralha as folhas e lê cada uma das definições.
- Cada integrante do grupo vota na definição que considerar correta. E pode, inclusive, votar na que inventou, caso sua estratégia seja “enganar” os demais colegas.

- Quando terminar a rodada, o “leitor de significados” revela o sentido correto e marca a pontuação do grupo, levando em conta que cada integrante recebe:
 - 1 ponto, se votou na definição correta;
 - 1 ponto, se alguém votou na definição que ele inventou.
- O jogo termina após cinco rodadas. Caso haja empate, fazem outra rodada até que se possa declarar um vencedor.

Esta proposta pode ser desafiadora às crianças de 1º ano que ainda estejam em processo de alfabetização; assim, para que ela seja realizada com os menores, é necessário fazer uma adaptação em relação aos agrupamentos, de modo que sempre haja alguém com conhecimento do sistema alfabético. Outra possibilidade é pensar a escrita dos significados em dupla; dessa maneira, as crianças podem elaborar a definição em conjunto.

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES

A formação do leitor literário precisa ser entendida a partir de diferentes estratégias e espaços, de modo que a escola e os professores não sejam os únicos responsáveis por essa construção. Envolver a família, os moradores do entorno e outros funcionários da escola é favorecer a construção de uma comunidade de leitores. Esse envolvimento pode ocorrer de diversas maneiras: através de eventos literários, clubes de leitura, presença de convidados para conversar sobre livros ou contar histórias, entre outras. Aqui são oferecidos alguns exemplos com a intenção de ampliar as experiências de leitura dos estudantes.

EMPRÉSTIMO DE LIVRO PARA A LEITURA COM A FAMÍLIA (LITERACIA FAMILIAR)

Sabemos que nem todos os estudantes têm livros em casa e como é importante que a família esteja inserida na formação do leitor, por isso o empréstimo do livro para ser lido em conjunto pode ser uma ótima estratégia. Além disso, a leitura realizada por um familiar configura-se como um espaço de afeto e criação de vínculos importantes para essa faixa etária. A leitura em voz alta também pode ser dividida com a criança, e esse pode ser um combinado que pode variar, a partir da preferência de cada entorno familiar.

Será importante orientar os familiares, talvez por meio de um bilhete, sobre a importância do projeto gráfico no caso deste livro, pelo papel dele na construção da narrativa. Uma opção é sugerir que as crianças sejam as responsáveis por apresentar essa relação aos familiares, agora que já trabalharam o livro na escola. Outra sugestão é que a família e o estudante, em conjunto, busquem pelos significados de algumas palavras que são apresentadas na obra. Além de ressaltar a importância de reservar um momento para conversar sobre o lido, temos algumas sugestões de encaminhamento para a conversa sobre esta obra:

- **Qual** foi a parte que mais lhe chamou atenção? **Por quê?**
- Você se identificou com algum personagem? Por **qual** motivo?
- **O que** achou da forma como o pai do menino lidou com o fato de não saber tudo?

- **O que** achou do desfecho do livro?
- **O que** pensa das escolhas de cores, fontes, tamanhos de letra neste livro? Essas escolhas ajudam a contar a história? **Como?**

Você também pode combinar com as crianças que trazem para a escola alguma produção feita a partir da leitura e da conversa em casa. Por exemplo, um desenho do trecho ou da personagem preferida dos familiares ou até mesmo uma lista com os significados de algumas palavras que aparecem no livro e que foram pesquisadas em conjunto. Dessa forma, é indispensável reservar um tempo para que, a partir de uma roda de conversa, os estudantes compartilhem com os colegas e o professor como foi a leitura, quais conversas suscitaram, que produções foram feitas. Num segundo momento, todos podem pensar juntos em uma forma de compartilhar essas produções com o restante da escola. Uma sugestão é criar um mural em que o grupo faça a escrita coletiva de uma indicação literária de *O menino que vendia palavras*.

SESSÕES SIMULTÂNEAS DE LEITURA (NA ESCOLA)

Esta atividade baseia-se em uma prática idealizada pela argentina Claudia Molinari, em que os professores selecionam livros e produzem resenhas para apresentar diversas possibilidades de leitura aos estudantes. Dessa maneira, as crianças podem escolher de qual roda de leitura desejam participar; cada uma se inscreve na sessão que preferir.

As rodas de leitura acontecem simultaneamente, misturando leitores de diferentes turmas, levando em conta acima de tudo o interesse que as crianças demonstram pela história escolhida. Após a atividade, todos os estudantes são convidados a voltar para sua sala de aula para um momento de discussão sobre o que foi lido e também para compartilhar indicações literárias.

Sugerimos que *O menino que vendia palavras* seja incluído numa sessão organizada com outros livros em que o projeto gráfico ganhe destaque. Dessa forma, as crianças têm oportunidade de buscar pontos de semelhanças e diferenças entre eles.

Para conhecer mais sobre as sessões simultâneas de leitura, assista ao vídeo que apresenta o Projeto Entorno, que realiza formação de professores, coordenadores pedagógicos e diretores, além de rodas de leitura promovidas por voluntários.

- **Sessões Simultâneas de Leitura (Projeto Entorno): <https://bit.ly/ProjEntorno>** (acesso em: 11 nov. 2021).

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura.* São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização.* Brasília: MEC/Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola.* São Paulo: Global, 2007. Uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

FELIZ DIA do designer gráfico. *Blog da Letrinhas*, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/DesignGraficoLivro>. Acesso em: 9 dez. 2021.

O texto faz uma homenagem aos designers gráficos e traz falas de algumas pessoas que atuam na área, explicando a importância do projeto gráfico para os livros, sobretudo infantis.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-abr. 2002. Disponível em: http://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.